

Experiências de ações educativo-comunitárias no Museu da Maré

Experiences of educational and community actions at the Museu da Maré

Cláudia Rose Ribeiro da Silva*

Miriane da Costa Peregrino**

RESUMO

O Museu da Maré, inaugurado em 8 de maio de 2006, nasceu do desejo dos moradores de preservação de suas memórias. O Museu é um espaço de encontro entre as diversas realidades existentes no espaço urbano do Rio de Janeiro, o que possibilita a constituição de identidades plurais, além de favorecer o fortalecimento dos vínculos comunitários entre os agentes sociais locais e destes com a cidade. As ações educativas realizadas pelo Museu perpassam os vários projetos desenvolvidos (exposição de longa duração, exposições temporárias, arquivo, reserva técnica, grupo de contadores de histórias, biblioteca infanto-juvenil, mulheres artesãs e oficinas culturais) e visam fortalecer os vínculos comunitários entre os moradores, colaborando com o trabalho de preservação e divulgação do patrimônio cultural e afetivo das comunidades da Maré. O artigo tem por objetivo refletir sobre esse conjunto de ações com base no trabalho de formação de jovens bolsistas no Museu. Palavras-chave: favela; Maré; memória; museu; ações educativas.

ABSTRACT

The Museu da Maré, opened in May 8, 2006, born from the desire of preservation of memories by the residents. The Museum is a place of encounter between the different realities existing in urban areas of Rio de Janeiro, which enables the formation of plural identities and favors strengthening community ties between local social actors and between them and the city. The educational activities carried out by the Museum permeate the various projects developed (long-term exposure, temporary exhibitions, archive, technical reserve, storytellers group, children's library, female artisans and cultural workshops) and aim to strengthen community links between residents collaborating with the preservation work and promotion of cultural and affective heritage of Maré communities. The article aims to reflect on this set of actions, from scholars youth education work at the Museum. Keywords: favela; Maré; memory; museum; educational action.

* Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais pelo CPDOC/FGV. Fundadora do Ceasm; Professora da Rede de ensino do Rio de Janeiro. claudiarose.ribeiro@gmail.com

** Técnica do Museu da Maré, Rio de Janeiro. miriane.peregrino@gmail.com

O LUGAR

O bairro da Maré, criado em 1994, compreende um conjunto de 17 comunidades¹ onde moram cerca de 140 mil pessoas. A região margeia a baía de Guanabara e está localizada entre importantes vias expressas que cortam a cidade do Rio de Janeiro: avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela. Essa área se estende paralelamente à pista de subida da avenida Brasil (sentido Zona Oeste da cidade), desde a Fiocruz (antigo prédio do Ministério da Saúde) – passando pela entrada para o Aeroporto Internacional do Galeão – até o bairro da Penha.

A região da Maré, assim chamada por causa dos mangues e praias que dominavam sua paisagem, foi sendo ocupada desde o período colonial, quando exerceu preponderante papel econômico, seja por nela existirem dois portos² por onde era escoada a produção das fazendas locais, seja por ter alimentado com seus mangues os engenhos de cana-de-açúcar e as olarias que ali se instalaram.

Com a criação das estradas de ferro, no final do século XIX, a região entrou em declínio, pois a atividade econômica, antes situada em torno dos portos, voltou-se para os centros comerciais que se formaram junto às estações da linha da Leopoldina Railway.³

Na década de 1940, com a abertura da avenida Brasil, a região conheceu novo desenvolvimento, devido à implantação de um cinturão industrial às margens da avenida que, somado ao isolamento dos terrenos na orla da baía de Guanabara e à facilidade de acesso a tais áreas, criou condições bastante favoráveis para o crescimento de sua ocupação.

Desde sua inauguração em 1946, a avenida Brasil passou a ser parte inseparável da fisionomia da região, facilitando a migração, o acesso dos moradores aos locais de trabalho, e a chegada do material necessário aos aterros e à construção das casas.

A ocupação da região atingiu seu auge na década de 1970, tendo se espalhado sobre as águas da baía de Guanabara, como um impressionante aglomerado de habitações construídas sobre palafitas. Na década de 1980, por meio do chamado Projeto Rio,⁴ houve a erradicação desse tipo de habitação. Foram realizados grandes aterros e construídos conjuntos habitacionais na região para o reassentamento das famílias removidas das áreas palafitadas.

Na década de 1990, a Maré foi objeto de outro processo de reassentamento promovido pela Prefeitura,⁵ principalmente de populações desabrigadas e moradores de áreas de encostas e margens de rios, consideradas de risco. No mesmo período, ocorreu o fortalecimento do chamado “poder paralelo”. Organizado em facções criminosas rivais, o tráfico de drogas passou a dificultar, no cotidiano, o processo de integração das comunidades.

Durante a primeira gestão do prefeito César Maia,⁶ foi criado o bairro da Maré por meio da Lei Municipal nº 2.119 de 19 de janeiro de 1994, publicada em *Diário Oficial* de 24 de janeiro do mesmo ano. Tendo sido alvo de inúmeros projetos governamentais e de acordo com diversos interesses políticos, a Maré, até então considerada como favela, passou a ser tratada pelo poder público como área totalmente urbanizada, condição esta que viabilizou a criação do bairro. Mas, desde sua origem, a existência do bairro da Maré não foi reconhecida pela maioria dos moradores, que prefere se identificar com os bairros vizinhos à região: Bonsucesso, Manguinhos, Ramos ou Penha.

É evidente que os diferentes processos de ocupação das 17 comunidades, a violência e as inúmeras modificações operadas pelo poder público na geografia da região são fatores que geraram obstáculos para que as diferentes identidades e as inúmeras memórias dos moradores pudessem encontrar ancoradouro no bairro criado. No entanto, esses fatores também podem ser percebidos, ainda que em graus diversos, na maioria das regiões da cidade tradicionalmente reconhecidas como bairros, o que não impediu a seus moradores desenvolver identidade com o lugar.

Mas, ao contrário desses outros espaços, concebidos como partes integrantes da cidade, o bairro da Maré foi criado a partir da favela, espaço historicamente associado a tudo o que se opõe à vida urbana. A subjetividade, as memórias e o cotidiano dos moradores da região são marcados por esse estigma, que também permanece profundamente arraigado nas pessoas que vivem na cidade do Rio e em outras do país.

O CEASM

Nesse contexto, um grupo de moradores da Maré se reuniu para criar a organização não governamental Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Fundado em 1997, o Ceasm atua no sentido de constituir memórias

coletivas em torno do bairro. Um dos motivos da importância de tal instituição é justamente o fato de ter sido criada por moradores que, mesmo tendo alcançado formação universitária e estabilidade profissional, continuaram atuando em movimentos coletivos na Maré. A inserção desses agentes sociais no espaço local e a identidade que eles desenvolveram com o lugar foram fatores que contribuíram para tornar o Ceasm uma experiência singular.

A insistência do Ceasm em utilizar a ideia de bairro para se referir à Maré e nela atuar, apesar da falta de identidade por parte da maioria dos moradores em relação a essa ideia, é de relevante importância. O Ceasm é uma ONG que atua de dentro para fora. Partindo do local para o global, busca contribuir para transformar a Maré e a cidade. Para atingir seus objetivos, o Ceasm se apropriou do bairro – instituído de cima para baixo, a partir de decreto municipal – de forma estratégica para trabalhar o sentido de pertencimento do morador ao local em que vive. Assim, a partir da invenção de um bairro, a ONG busca forjar uma nova cultura, que rompa com a visão simplista sobre o lugar.

No entanto, o trabalho de transformação dos olhares estigmatizantes sobre a Maré é um desafio constante e nem sempre reconhecido, podendo ser apreendido e deturpado por interpretações preconceituosas. Por isso, o Ceasm desenvolve projetos que buscam contribuir para a superação dos preconceitos, indo na contramão das representações dominantes sobre as favelas.

O MUSEU

Um dos primeiros projetos desenvolvidos pelo Ceasm foi a “Rede Memória da Maré”, que objetivava preservar a história local e contribuir para a criação do sentido de pertencimento dos moradores ao bairro. O projeto produziu um texto ilustrado sobre a história da Maré. Seu autor, Antônio Carlos Pinto Vieira, é um dos fundadores do Ceasm. O texto ordena cronologicamente os fatos históricos ocorridos na região e na cidade, desde o período colonial até o final da década de 1990. Dessa forma, Antônio Carlos escreveu a primeira versão da história da Maré e, principalmente, criou uma identidade comum entre as diversas comunidades que se formaram ao longo da avenida Brasil, a partir da década de 1940.

O texto sobre a história da Maré compõe o acervo do arquivo criado pela Rede Memória com o objetivo de abrigar variadas fontes sobre a história local:

fotografias, mapas, hemeroteca, documentos produzidos pelo poder público, documentos particulares doados por moradores, trabalhos acadêmicos etc.

Desde sua inauguração, em 27 de abril de 2002, o Arquivo “Dona Orosina Vieira” (ADOV)⁷ já recebeu vários visitantes. Alguns, para conhecer; outros, para ver fotos antigas e “matar a saudade” do passado; e muitos, para pesquisar. Grande parte das pesquisas é realizada por professores e alunos das escolas públicas locais e por participantes dos outros projetos do Ceasm. Nos registros do arquivo consta um número considerável de consultas feitas por pesquisadores ligados a diversas instituições da cidade, tais como UniRio, CPDOC, UFRJ, Fiocruz e outras.

Grande parte do acervo do ADOV é constituído por fotografias que tratam variados aspectos da realidade local, incluindo fotos do início do século XX, de autoria do conhecido fotógrafo Augusto Malta. Esse acervo iconográfico foi, em parte, reproduzido e ampliado para compor várias exposições sobre a história da Maré. As exposições são apresentadas em espaços públicos locais, como escolas e praças. A Rede Memória também realizou exposições em lugares fora da Maré, como por exemplo, no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ), Flamengo; no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, Centro do Rio; no Instituto de Educação da UFF, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), e no Centro Cultural do Tribunal de Contas do Estado, os três em Niterói.

O trabalho da Rede Memória obteve reconhecimento nacional em 2005, ao receber o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, oferecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Tal premiação é conferida a pessoas ou instituições que desenvolvem ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro. O Iphan selecionou sete iniciativas em todo o Brasil, tendo sido a Rede Memória premiada na categoria de “salvaguarda de bens de natureza imaterial”.

Antes disso, em 2004, a Rede Memória realizou a exposição “A Força da Maré”, no Museu da República, localizado no bairro do Catete. Para a montagem da exposição, a equipe da Rede Memória pediu alguns objetos emprestados aos moradores, que ao término não os aceitaram de volta, pois disseram querer ver na Maré o que foi feito no Museu da República.

“A Força da Maré” foi um divisor de águas no trabalho desenvolvido pela Rede Memória. Ainda no final de 2004, a equipe do projeto participou do primeiro edital do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura (MinC)

para seleção dos Pontos de Cultura. O projeto foi selecionado com o título “Museu da Maré” e previa a instalação de uma exposição de longa duração sobre a vida das pessoas que resistiram e lutaram para construir sua história naquele lugar. A partir desse momento, a Rede Memória deixou de existir para dar lugar ao Museu da Maré.

A inauguração do museu ocorreu no dia 8 de maio de 2006, durante o lançamento da “4ª Semana Nacional de Museus”. O evento contou com as presenças do então ministro Gilberto Gil e de outros membros do MinC, além de representantes de vários museus e Pontos de Cultura da cidade do Rio.

Logo após sua inauguração, o Museu da Maré concorreu à seleção da primeira edição do Prêmio Cultura Viva, pelo MinC. Dentre 1.532 iniciativas inscritas em todo o Brasil, o museu foi um dos trinta projetos semifinalistas, tendo sido o 2º colocado na categoria “Tecnologia Sociocultural”.

Ainda em novembro de 2006, o museu foi agraciado com a Ordem do Mérito Cultural, a mais alta premiação da cultura no país, que tem o objetivo de tornar público o empenho de pessoas e instituições que, de maneira significativa, trabalham pela valorização da cultura brasileira.

O Museu da Maré nasce da iniciativa de moradores locais e, ao mesmo tempo, é o resultado da interação de diferentes agentes sociais, o que garante sua pluralidade. Dessa forma, o museu trabalha para a superação dos estigmas em relação às favelas e seus moradores, além de colaborar com o processo de alargamento da perspectiva do papel dos museus na realidade contemporânea. O museu não é um lugar para guardar objetos ou cultivar o passado. Ele é lugar de vida, conflitos e diálogo.

No Museu da Maré, passado, presente e futuro convivem nos tempos da água, da casa, da migração, do trabalho, da resistência, da festa... São 12 temas (“tempos”) cuja museografia é construída a partir do lugar e da vida, sempre em diálogo com a diversidade cultural existente em nosso país. Na Maré, onde as visões estigmatizantes só conseguem enxergar as ausências, o museu é um convite ao diálogo, à troca e à superação dos preconceitos.

O EDUCATIVO DO MUSEU

Desde sua inauguração, o Museu da Maré vem desenvolvendo ações educativas voltadas para públicos variados de moradores e não moradores, formados por crianças e adolescentes, jovens, adultos e idosos.

No princípio, as ações educativas eram realizadas de maneira pontual pela equipe da “Biblioteca Infante-Juvenil Elias José”.⁸ As ações consistiam na reatualização de chás de memórias, rodas de leitura com o livro *Contos e Lendas da Maré*⁹ e visitas guiadas à exposição de longa duração com o grupo *Maré de Histórias*, grupo de contadores de histórias da Maré – projeto desenvolvido pela biblioteca –, que utilizava as histórias do livro *Contos e Lendas* para conduzir os visitantes de forma lúdica pelos “tempos” da exposição.

Em abril de 2013, após a seleção do Museu da Maré pelo Programa Petrobras Cultural, foi possível investir na formação de uma equipe voltada para trabalhar o projeto educativo do museu, articulando as diversas ações que já vinham sendo desenvolvidas desde sua criação. Nesse sentido, os trabalhos realizados pela biblioteca, pelo arquivo, pelas oficinas culturais e pela reserva técnica – enfim, por todos os projetos do museu – são orientados pelo Educativo.

Uma das principais ações da equipe do Educativo está direcionada para a formação de alunos do 2º ano do Ensino Médio, com idade entre 16 e 18 anos. Esses jovens fazem parte do “Programa Jovens Talentos” da Faperj (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e recebem bolsa mensal de ajuda de custo no valor de R\$ 210,00.

O programa ocorre no museu desde 2008, graças à parceria com a Faperj e professores da UniRio, da UFRRJ e da Uerj. Cada turma é formada em média por 15 bolsistas que permanecem no museu por 18 meses e recebem formação prática e teórica nas áreas de museologia, memória, história, literatura, arquivo e mediação.

PROJETO CAROLINA MARIA DE JESUS E D. OROSINA VIEIRA

Desde agosto de 2013, o educativo está desenvolvendo com os bolsistas o projeto “Carolina Maria de Jesus e D. Orosina Vieira: leituras sobre a história das favelas no Brasil”, como parte do quadro de sua formação prática e teórica.

Em 2014, relembremos os 20 anos da morte de Dona Orosina, o que coincide com o centenário de nascimento da escritora Carolina Maria de Jesus (14 de março de 1914). Ambas negras e pobres, nasceram no interior de Minas

Gerais, migraram para grandes cidades (Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente) e foram morar em favelas.

O projeto consiste na realização de rodas de leitura de livros da escritora Carolina Maria de Jesus, confecção de diários para estimular a produção literária dos bolsistas, pesquisa sobre a vida de D. Orosina Vieira, uma das primeiras moradoras da favela da Maré, e visitas técnicas a instituições, como o Instituto Moreira Salles (IMS) e a Fundação Biblioteca Nacional, que guardam manuscritos da escritora Carolina Maria de Jesus.

A pesquisa a respeito de D. Orosina Vieira consiste em leituras de artigos acadêmicos produzidos sobre a Maré e entrevistas com moradores que conviveram com essa protagonista da história local. Até o momento foram feitas três entrevistas: Seu Bento, sapateiro; Seu João Pedro da Silva, auxiliar de sapateiro; Seu Antonio de Souza Tavares, barbeiro – todos moradores do Morro do Timbau, onde viveu D. Orosina. As entrevistas se encontram em fase de transcrição. Serão realizadas pelo menos mais três entrevistas com moradores do local e uma com D. Vera Maria, sobrinha de D. Orosina que trabalha no museu.

Dona Orosina foi uma das primeiras moradoras do Morro do Timbau, e Carolina habitava a favela de Canindé, às margens do rio Tietê, quando seu diário foi descoberto por um jornalista e veio a ser publicado em livro – *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960). A coincidência entre a vida dessas duas mulheres tem sido uma boa oportunidade para a formação dos jovens bolsistas por meio de estudo, levantamento e produção de fontes e ampliação do acervo do Arquivo Dona Orosina Vieira (ADOV) do Museu da Maré. Além disso, parte desse material também fará parte de uma exposição temporária no museu, que será construída com a participação ativa dos jovens.

Miriane da Costa Peregrino, técnica do museu e mediadora das rodas de leitura, afirma:

A figura da mulher pobre, negra, favelada, catadora de papel que virou escritora não saía da minha cabeça desde as aulas do mestrado em Literatura Brasileira na Uerj. Quando comecei a trabalhar no Museu da Maré encontrei a oportunidade de dialogar passado e presente da história da formação das favelas através dos livros dessa escritora, a Carolina Maria de Jesus. A figura histórica da favela da Maré, Dona Orosina Vieira, também nascida no interior de Minas Gerais, me fez encontrar os primeiros pontos em comum entre Carolina e muitas das mulheres

pobres e faveladas do Rio de Janeiro. Foi assim que nasceu a roda de leitura que ocorre no Museu da Maré desde 2013 e contribui para formação pedagógica dos bolsistas do Museu – adolescentes entre 16 e 18 anos, moradores de diversas comunidades da Maré. Em roda lemos *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) e estamos finalizando *Diário de Bitita* (1982). O ato de ler, como já apontou Paulo Freire, é transformador. E ler Carolina é ler poesia em forma de prosa, é ler história e sociologia em literatura, é conhecer a realidade brasileira e entender como se forma a nossa identidade no meio de tantas desigualdades e injustiças sociais.

As rodas de leitura acontecem da seguinte forma: após cada leitura, os jovens fazem um resumo do trecho lido e discutido e, no final da leitura do livro, escrevem um comentário crítico sobre a obra. A atividade de leitura das obras da escritora Carolina vem colaborando para a formação pedagógica dos jovens bolsistas, na medida em que fortalece sua identidade de moradores da Maré e propicia o diálogo com realidades de diferentes tempos e lugares. Vejam-se alguns trechos com as impressões de leituras dos adolescentes que participam do projeto:

Alan da Silva Lira, morador da Vila dos Pinheiros, 18 anos:

Carolina vivia dia por dia, está sempre fazendo algo para ganhar um trocado, pra sustentar seus filhos. A fome é muito presente na vida dela, cada alimento é como se fosse uma coisa rara, como se fosse ouro.

Aline de Moura e Silva, moradora da Bento Ribeiro Dantas, 17 anos:

Imagino o sofrimento de Carolina, andando descalça na lama, catando papel nas ruas, lutando para ter o que comer, lutando para viver. A favela é como um campo de batalha, onde ela tem que enfrentar a fome, as constantes brigas e desavenças entre os vizinhos, as doenças e a pobreza que resultam de uma guerra.

Aline Pereira Macário, moradora da Nova Holanda, 18 anos:

De tudo que lemos hoje o que mais me chamou a atenção foi o modo que Carolina se permite a pensar, ela não fecha os olhos em momento algum, mesmo com tantas dificuldades ela segue

em frente lutando para que seus filhos tenham ao menos o que comer! Diferente dos outros moradores da favela, Carolina não se fecha no mundinho da favela. Ela vai além com seus pensamentos e com seu modo de enxergar o cruel mundo de pobres e ricos!

Fabricia Porto Nogueira, moradora da Vila dos Pinheiros, 16 anos:

Uma coisa que me impressiona é que a Carolina não desistia de seus sonhos, de ter uma casa, de ter os alimentos para comer. Ela não tinha medo de falar o que pensava. Ela se metia nas brigas sem medo de nada. Uma coisa que no livro me emocionou demais é quando a filha dela pede comida e não tem. Então a história dela é muito emocionante e eu gostei muito.

Jailton Ferreira do Nascimento, morador do Morro do Timbau, 17 anos:

Suas vizinhas tinham uma certa inveja dela, pois era mulher independente, e mesmo trabalhando como catadora de lixo, fazia de tudo para dar o melhor para os seus filhos ... Ela sempre se mostra uma pessoa que gosta muito de ler e escrever. Há também nessa época o racismo, pois quando Carolina parava para ler, as pessoas comentavam: “uma preta lendo?”, “uma preta fedida lendo?”. Como se só os brancos pudessem ler.

Joyce Rodrigues de Oliveira, moradora da Nova Holanda, 17 anos:

Apesar do seu pouco estudo, Carolina Maria de Jesus decidiu romper as barreiras do analfabetismo escrevendo o dia a dia de sua vida sofrida. Gostei muito e estou ansiosa para ler o livro *Casa de Alvenaria*, que é a continuação do livro *Quarto de Despejo*, que é diário de uma favelada, e o livro *Casa de Alvenaria* é o diário de uma ex-favelada.

Maria Emilia Vieira da Cruz, moradora da Vila dos Pinheiros, 17 anos:

Para mim, é uma mulher batalhadora, bem decidida e de opinião formada. Que em alguns momentos pensa em desistir da vida, mas como já disse, pensa em seus filhos e esquece a ideia. Em

alguns momentos vê sua vida melhorar e em segundos, já não existe mais. Persevera sempre e não desiste de ter uma vida melhor.

Matheus Frazão de Almeida Silva, morador da Vila do João, 17 anos:

Carolina se entusiasma muito ao falar de datas comemorativas, como o Dia das Mães, e também do dia da Abolição. As chuvas ultimamente têm atrapalhado Maria de Jesus a catar papel, e ainda no dia 13 de maio ela termina de escrever parte do seu diário da seguinte forma: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!”.

Raíza Barros Nascimento, moradora da Baixa do Sapateiro, 17 anos:

Achei muito interessante a forma que foi escrito o livro. Ela faz relatos dos dias dela, e isso prende muito a atenção. Fico imaginando cenas das histórias narradas, sem falar dos nomes das pessoas que na maioria das vezes ela fala completos. E o ponto de vista dela sobre coisas e pessoas também é importante, a forma de como ela vê as coisas, é completamente diferente da maioria das mulheres daquela época.

Wagner Belo de Siqueira, morador da Vila dos Pinheiros, 17 anos:

Bom, o mês de junho foi um mês difícil para Carolina porque foi um mês que ela passou muita fome e ela não podia desistir da vida porque tinha que criar os filhos. E também o mês de junho foi o mês que muita gente precisou de água e na favela havia uma torneira para todos, mas a água não ia dar, foi aí que os favelados foram pedir água por aí, mas não tiveram sucesso.

Jeferson Luciano Gaspar Mesquita, morador da Vila dos Pinheiros, 17 anos:

Eu gostei muito deste livro, nele vi a dificuldade que Carolina Maria de Jesus passou, e não só ela, mas todas as pessoas que moravam naquela favela. Graças a esse diário que ela fez, vi que histórias assim, fazem parte da minha vida, mesmo hoje em dia,

existem muitas pessoas que passam por dificuldades semelhantes às de Carolina, mas fico feliz por ela ter lutado muito na vida para tentar mudar o destino dos seus filhos e ter realizado o sonho de ter o livro publicado.

As atividades das rodas de leitura têm estimulado o gosto pela leitura e a produção textual dos bolsistas, procurando ainda difundir a obra dessa escritora pouco conhecida. A história de Carolina Maria de Jesus é de lutas e lembra a de muitas mulheres na favela. Filha de mãe solteira, negra e pobre, trabalhou na roça em Sacramento, cidade onde nasceu, no interior de Minas Gerais. A vida difícil obrigou mãe e filha a migrarem para cidades maiores, até que Carolina chegou à cidade de São Paulo. Ali, começou trabalhando como doméstica, mas com a gravidez do primeiro filho e a ausência de direitos trabalhistas, ficou desempregada e não viu alternativa senão ir morar na favela e ganhar a vida como catadora de papel. Teve ainda mais dois filhos, todos de pais diferentes, e foi mãe e pai do José, do João e da Vera Eunice.

Viveu 12 anos na favela do Canindé, que chamava de “o quarto de despejo da cidade de São Paulo”, para onde ia tudo o que a sociedade paulistana queria jogar no lixo: roupas usadas, móveis velhos e pessoas pobres, negras, nordestinas que ali viviam marginalizadas e em precárias condições de vida. Carolina, que havia cursado apenas dois anos do ensino básico quando criança em Sacramento, tinha o hábito de ler. Lia tudo o que encontrava no lixo e separava os papéis em que poderia escrever para contar sua história. Foi assim que começou a escrever *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960.

Seus escritos foram descobertos pelo jornalista Audálio Dantas em 1958, ao fazer uma visita à favela do Canindé para escrever uma matéria do jornal. Ao conhecê-lo, Carolina mostrou a ele seus escritos. Durante dois anos o jornalista trabalhou para conseguir a publicação do livro de Carolina.

A Prefeitura de São Paulo extinguiu a favela do Canindé. Carolina ficou rica com a venda de seus livros, mas, sem jeito para administrar seus bens, perdeu quase tudo e morreu pobre, em 1977, num pequeno sítio em São Paulo. Canindé não existe mais, nem Carolina, mas muitas são as favelas no Brasil e muitas são as mulheres pobres, mães solteiras, que lutam diariamente pelo direito à vida.

Além da leitura dos livros de Carolina, o projeto também prevê passeios pedagógicos com os adolescentes. No primeiro passeio a equipe do projeto levou os bolsistas à Bienal do Livro, em setembro de 2013. Durante o passeio foi feito o desafio aos bolsistas do Museu da Maré para que encontrassem um livro de Carolina. Infelizmente, ninguém encontrou. Os livros da autora são artigos raros, como relata Miriane Peregrino:

Ao iniciar o projeto, o primeiro desafio foi conseguir os livros dela para nossas leituras. Num grupo de dez pessoas em roda precisaríamos de pelo menos cinco exemplares de cada obra. A última edição de *Quarto de Despejo* é de 1997, ainda dá pra comprar por uns R\$ 16,00 na internet. A segunda obra de Carolina, *Casa de alvenaria* só teve uma edição, a de 1961. Comprei *Casa de alvenaria* pela internet – usado e com a lombada frágil – por 140 reais. Foi minha última opção depois de não encontrar exemplar pra empréstimo na biblioteca da universidade onde estudo. Para viabilizar a leitura na roda, fiz cópia do livro. Outras obras de Carolina ou sobre a escritora são igualmente raras para compra e, quando disponíveis, são caras. Foi assim que me dei conta que Carolina Maria de Jesus – escritora tão menosprezada pela academia por ser semianalfabeta, favelada, negra, catadora de papel, mulher – se transformou em artigo de luxo da literatura brasileira. Cem anos depois de seu nascimento, não levamos Carolina para favela sem dificuldades. Mas levamos!

Inegavelmente, Carolina proporciona encontros, e é uma escritora que também provocou – e provoca – muitos incômodos, e talvez por isso as editoras evitem reeditar suas obras – será?

No final dos anos 1950, quando a favela era um espaço romantizado pela MPB, quando a “Era JK” brilhava e prometia progresso e desenvolvimento fantásticos, Carolina escancarava a porta do quarto de despejo do Brasil: a favela. A miséria social brasileira foi colocada nua diante dos olhos de todos. A venda de *Quarto de Despejo* permitiu a compra da casa própria, a saída da favela. Mas Carolina não soube lidar com o dinheiro, com a fama e com os inúmeros oportunistas que passaram a bater em sua porta.

Em 1971, o documentário *Favela: a vida na pobreza (Favela – Das Leben in Armut)*, dirigido pela alemã Christa Gottmann-Elter, foi proibido no Brasil. O governo não achou conveniente exibir aquela outra face da sociedade brasileira e desmentir, ou ao menos pôr em dúvida, nosso “milagre econômico”.

Esse documentário foi exibido pela primeira vez no Brasil em 14 de março de 2014, na sala de cinema do Instituto Moreira Salles (IMS), no bairro nobre da Gávea, Rio de Janeiro. O filme tem 16 minutos e a protagonista é a própria Carolina, com trechos de *Quarto de Despejo*.

Ao contrário de Carolina, D. Orosina Vieira nunca escreveu sobre sua vida, mas pesquisadores escreveram. Um deles, o sociólogo Carlos Nelson, publicou narrativa poética sobre a chegada de D. Orosina à Maré:

Havia ali uma praia, então limpa e agradável. Se chamava Praia de Inhaúma, embora o bairro do mesmo nome ficasse distante, no interior do tecido urbano. Foi ali, aliás, como resultado de um passeio de domingo à Praia de Inhaúma que os primeiros ocupantes se apaixonaram pelas características da localidade. Nada existia ali, exceto o matagal que, na linguagem do dia a dia significava que a região estava coberta de espessa vegetação. A praia estava coberta de pedaços de madeira trazidos pela maré, e que pareciam sugerir seu uso para alguma boa finalidade. E foi isto exatamente que uma mulher inteligente fez, ignorando os protestos de seu marido e começando a juntar pedaços de madeira, com o intuito de levantar um barraco naquele ponto deserto que parecia não ter interesse a ninguém. (Santos, 1986)

E ele continua sua narrativa quase épica:

Este primeiro casal vinha do centro do Rio, onde vivia numa casa de cômodos, atrás da Estação da Central do Brasil. A mulher tinha acabado de chegar do interior de Minas Gerais e não conseguia viver sufocada no pequeno cômodo, “com a chuva caindo em goteiras”. Ela escolheu um ponto seco, conveniente, numa pequena elevação próxima ao mar e levantou seu pequeno barraco com os materiais que a maré trazia de graça. Mais tarde ela se dedicou a plantar árvores frutíferas e uma horta e a cercar seu “território”. Ela conseguiu fazer tudo sem que qualquer pessoa a perturbasse. Mesmo assim, o casal estava bastante assustado, percebendo que eles estavam ocupando algo, sem autorização, que não lhes pertencia.

O marido faleceu pouco depois, mas a esposa ainda está viva, tendo se tornado um tipo de figura simbólica no Morro do Timbau. Revolvendo em sua memória, ela se lembra de como as coisas aconteceram: outras pessoas vieram e, olhando para sua casa e para suas plantações, criaram coragem de se mudar para lá também. Ela lhes disse que a coisa toda era ilegal, mas os ajudou o mais que pôde, tendo logo conseguido um bom número de vizinhos. Ela montou uma

pequena barraca para vender suas frutas e alguns legumes que trazia do mercado. O grande problema era a água, que tinha de ser apanhada do outro lado da Avenida Brasil e carregada morro acima. (Santos, 1986)

Nelson também revela a atitude de resistência de D. Orosina, denunciando ao próprio presidente a cobrança irregular de taxas pelos militares do 1º BCC – Batalhão de Carros de Combate do Exército, que extorquiam os moradores do Morro do Timbau:

Com toda a sua ingenuidade de caipira, D. Orosina era muito esperta. Sabia manipular muito bem as regras de um jogo que aprendera por intuição. Deixou-se explorar pelo Sargento Aduato porque, afinal, sabia que não tinha direitos e que ele era uma autoridade. Quando achou que o militar estava abusando, apelou nada menos que para o Presidente da República, na época Getúlio Vargas. O que pelo bom-senso parecia impossível aconteceu. Em resposta a uma carta de D. Orosina, o presidente mandou um emissário entregar-lhe um convite para comparecer ao palácio. Ela foi e falou pessoalmente com o presidente: “Eu vim pedir desculpas... Eu comprei um terreno no seu governo, mas paguei e estou pagando...” – “Pois não vai pagar mais nada!” foi a resposta de Vargas – “Quando forem lhe cobrar você diz: eu não vou pagar mais...”.

Sacramentando a sua promessa, o presidente mandou a Orosina um telegrama em que reconhecia seus direitos de posse e a isentava de pagar o que quer que fosse pelo terreno que ocupava. (Santos, 1986)

Com base nas narrativas expostas, fica clara a aproximação entre D. Orosina e Carolina. O projeto possibilita aos jovens perceber essas duas mulheres nas catadoras de papel que circulam hoje com seus carrinhos pelas comunidades da Maré ou na vida cotidiana e sofrida dos moradores das comunidades (em particular da McLaren, ocupação que fica embaixo da Linha Amarela, entre o Morro do Timbau e a Vila dos Pinheiros, onde as pessoas vivem em condições extremamente precárias).

Recentemente, o poeta Sérgio Vaz afirmou que a escritora Carolina é o “Dom Quixote da mulher negra”, inspiração para as periferias. A ideia do projeto “Carolina Maria de Jesus e D. Orosina Vieira: leituras sobre a história das favelas no Brasil” é difundir Carolina e sua obra, incentivar a leitura e escrita e inspirar os jovens da favela da Maré a mergulhar no universo da

literatura, da história e das lutas que moveram Carolina Maria de Jesus e D. Orosina em busca de uma realidade mais digna e justa, onde os estigmas contra as favelas e seus moradores possam ser superados.

DESAFIOS ABERTOS

As rodas de leitura do projeto educativo do museu, além de criar empatia dos jovens com Orosina e Carolina, trabalham o sentido de pertencimento desses jovens ao lugar onde vivem, reforçando suas identidades enquanto moradores da Maré. Mas, se o projeto ficasse limitado às perspectivas locais, haveria o risco de corroborar o discurso recorrente e preconceituoso sobre as favelas, os bairros populares e as periferias, enfim, os cantões do Brasil. De acordo com tal discurso, esses lugares são guetos apartados do centro.

O Museu da Maré não foi criado para ser um *museuzinho da favela*, para manter as pessoas em seu gueto, cultuando suas lembranças e seus objetos de “pouco” valor. Sua origem, como já foi dito anteriormente, parte do desejo dos moradores, que estabeleceram o diálogo com pessoas de vários lugares e diferentes saberes. Desde o seu início, o diálogo, a valorização da diversidade, as trocas de saberes e fazeres alicerçam todas as ações empreendidas pelos agentes sociais que atuam no projeto.

Dessa forma, o projeto educativo do museu não se restringe a discutir questões locais, mas estabelece pontes de comunicação com realidades diversas e, por isso mesmo, pode ser replicado em outros espaços fora da Maré, como museus e escolas. Esse é o motivo de o Museu da Maré continuar vivo, emocionando e provocando pessoas e instituições de diferentes lugares, misturando conhecimentos e práticas, e colaborando para a construção de novas perspectivas de transformação social.

Após termos entregado este artigo, recebemos um *e-mail* da professora Sonia Miranda – que, ao lado da professora Júnia Sales, coordena o Dossiê “Práticas de Memória, Patrimônio e Ensino de História” – propondo que incluíssemos no texto o relato da situação atual do Museu da Maré. De pronto aceitamos! E gostaríamos de agradecer a oportunidade de partilhar com o público leitor esse momento tão delicado da nossa luta pelo direito à memória.

O imóvel onde está instalado o Museu da Maré foi cedido em comodato para o Ceasm, ONG gestora do museu, por 10 anos. O período de validade do

documento expirou no final do ano passado e, em junho de 2014, o diretor de patrimônio do Grupo Libra de Comércio Marítimo – empresa dona do imóvel – entrou em contato conosco para informar que não havia mais interesse por parte da diretoria da empresa em renovar o comodato.

O representante da diretoria da empresa se negou a marcar uma visita para conhecer de perto o trabalho desenvolvido e nos deu 90 dias para desocuparmos o imóvel, afirmando que enviaria uma notificação. Até o momento em que finalizamos este artigo, não havíamos recebido o documento oficializando o pedido de desocupação do prédio.

Diante de tal impasse e do iminente fim do trabalho desenvolvido, iniciamos um movimento em defesa do Museu da Maré, o qual está recebendo inúmeros apoios de pessoas, grupos, movimentos e instituições de diferentes lugares do Brasil, e também de outros países. Da mesma forma, gestores públicos das três esferas do governo estão prestando solidariedade ao Museu, tendo promovido uma reunião no local com divulgação na imprensa. Estiveram presentes a essa reunião o sr. Angelo Oswaldo, presidente do Ibram; a sra. Vera Mangas, representante do Ibram no estado do Rio de Janeiro; a sra. Lucienne Figueiredo, coordenadora do Sistema Estadual de Museus, que também representou a Superintendente de Museus, sra. Mariana Várzea, e as sras. Joana Nunes e Rosana Oliveira, representantes do Instituto Pereira Passos.

Neste momento, o presidente do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, sr. Washington Fajardo, está se empenhando diretamente no processo de tombamento do Museu. Da mesma forma, vários parlamentares das três esferas do Executivo e de diferentes partidos políticos estão prestando solidariedade e se colocaram disponíveis a agendar audiência pública para debater a importância do Museu e encaminhar o processo para declará-lo de utilidade pública.

O que existe de tão inspirador e mobilizador em um pequeno museu, com acervo muito simples doado pelos moradores, sem recursos e localizado em uma favela? O que faz que esse museu toque de forma tão profunda as pessoas que o conhecem física ou virtualmente? As incontáveis manifestações de apoio e solidariedade que estamos recebendo nos dão a certeza de que o Museu da Maré já nos ultrapassou e muito! Hoje, o Museu não é mais um projeto dos moradores da Maré. Aliás, ele já nasceu fruto do diálogo entre pessoas de diversos lugares e saberes para ser um museu de todos. O Museu inspira e mobiliza porque colabora para enriquecer os debates em torno do que seja

patrimônio e da pluralidade da história a ser preservada. O Museu da Maré, assim como tantas outras iniciativas existentes no Brasil, é a prova de que o respeito à diversidade, o diálogo e a criatividade são o caminho para a construção de práticas democráticas de valorização das memórias e dos patrimônios em nosso país. Por isso desejamos: vida longa ao Museu da Maré!

REFERÊNCIAS

- CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ (CEASM). *A Maré em dados: Censo 2000*. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *Instituições do Bairro Maré: dados gerais*. Rio de Janeiro, 2004.
- CHAGAS, Mário. Memória política e política de memória. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; SILVA, Maria Lais Pereira da. *O Morro do Timbau*. Relatório de pesquisa para o Habitat/ONU. Rio de Janeiro, 1983. (mimeo.)
- SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. *Maré: a invenção de um bairro*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2006.
- VAZ, Lílian Fessler (Coord.) *História dos bairros da Maré: espaço, tempo e vida cotidiana no Complexo da Maré*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. *Histórico da Maré*. Rio de Janeiro: Ceasm, 1998. (mimeo.)

NOTAS

¹ Cada comunidade do bairro é representada por uma associação de moradores. O Censo Maré 2000, realizado pela ONG Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm), considerou “Salsa e Merengue” e “Mandacaru” como comunidades, apesar de não haver associação de moradores nesses lugares (sua representação está vinculada às associações da Vila do Pinheiro e de Marcílio Dias, respectivamente). Dessa forma, contabilizou-se um total de 17 comunidades: Conjunto Esperança, Vila do João, Vila do Pinheiro, Salsa e Merengue, Conjunto Pinheiros, Bento Ribeiro Dantas, Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Nova Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Roquete Pinto, Praia de Ramos, Marcílio Dias e Mandacaru.

² Portos de Inhaúma e de Maria Angu.

³ Em 1886, foram inauguradas as estações ferroviárias de Olaria, Ramos, Bonsucesso e

Carlos Chagas. Tais estações faziam parte do trecho São Francisco Xavier/Merity (atual Caxias) e pertenciam à empresa The Rio de Janeiro Northern Railway Company. Em 1897, essas estações passaram ao controle da companhia inglesa The Leopoldina Railway (VIEIRA, 1998, p.28).

⁴ Projeto do Ministério do Interior lançado em 1979 e executado pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). O Projeto Rio tinha como um de seus objetivos o saneamento da orla da Baía de Guanabara ocupada por palafitas.

⁵ Programa da Secretaria Municipal de Habitação “Morar sem Risco” (VIEIRA, 1998, p.78).

⁶ Político carioca, nascido em 1945, no bairro da Tijuca. Iniciou sua carreira política em 1983, no Partido Democrático Trabalhista (PDT), pelo qual foi eleito prefeito da cidade do Rio de Janeiro. Filiou-se ao Partido da Frente Liberal (PFL) em 1996. Por esse partido foi eleito para a segunda gestão da Prefeitura (2001-2004), e reeleito em primeiro turno para sua terceira gestão (2005-2008).

⁷ Uma das primeiras moradoras do Morro do Timbau, comunidade mais antiga da Maré. Dona Orosina era migrante, mulher negra, viúva, parteira e rezadeira.

⁸ A Biblioteca, inaugurada em 4 de setembro de 2008, é um projeto do Museu da Maré que integra o Programa Prazer em Ler do Instituto C&A.

⁹ O livro, lançado em 2003, foi fruto de histórias coletadas pela Rede Memória da Maré, que realizou pesquisa de história oral com moradores antigos locais. Os depoimentos dos moradores trouxeram à tona causos, contos e lendas, que foram sistematizados por jovens e adolescentes participantes da oficina de produção textual do Núcleo de Comunicação do Ceasm.



Figura 1 – Localização geográfica da Maré

Fonte: Arquivo Orosina Vieira/Museu da Maré



Figura 2 – Vista aérea do bairro da Maré

Fonte: Arquivo Orosina Vieira/Museu da Maré

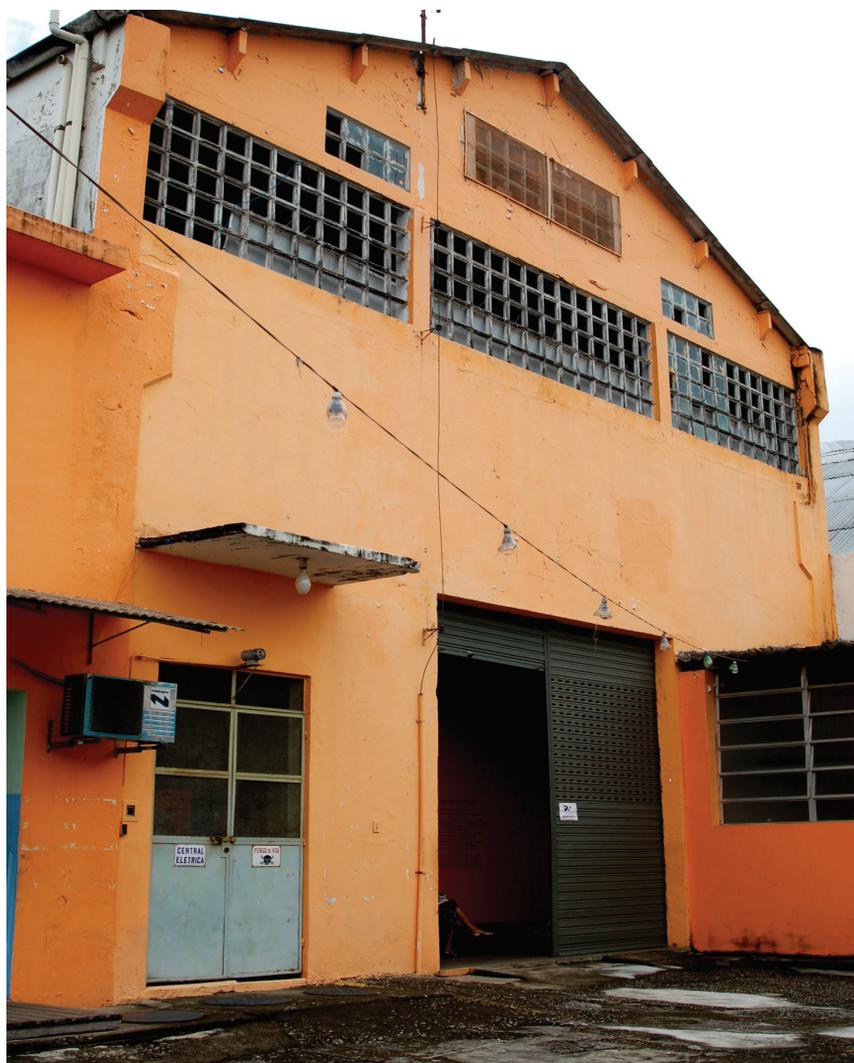


Figura 3 – Entrada do Museu da Maré
Fonte: Arquivo Orosina Vieira/Museu da Maré



Figura 4 – Barraco sobre palafitas – o Tempo da Casa
Fonte: Arquivo Orosina Vieira/Museu da Maré



Figura 5 – Roda de Leitura (terças) na sala de consulta do Arquivo do Museu da Maré



Figura 6 – Roda de Leitura (sábados) na Sala de Música, Museu da Maré



Figura 7 – Visita à Bial do Livro, setembro de 2013



Figura 8 – Bial do Livro, setembro de 2013



Figura 9 – Roda de Leitura no Instituto Moreira Salles (IMS), 3 de dezembro de 2013



Figura 10 – Leitura de *Casa de Alvenaria* no IMS



Figura 11 – Visita ao Setor de Literatura do Instituto Moreira Salles. A funcionária Manoela mostra o acervo de Carolina Maria de Jesus para os adolescentes da Maré. Rio de Janeiro, dezembro de 2013



Figura 12 – Visita ao Ecomuseu Nega Vilma, no Morro Santa Marta. Kadão Costa, um dos fundadores do museu, fala sobre o espaço e sobre a memória de sua avó, Dona Vilma, que era uma rezadeira da favela. Santa Marta, 25 de janeiro de 2014

Data	Visitas Pedagógicas
8 set. 2013	BIENAL DO LIVRO, Rio de Janeiro/RJ Justificativa: Inserir os jovens na indústria editorial e estimular a atividade de leitura.
3 dez. 2013	INSTITUTO MOREIRA SALLES, Gávea, Rio de Janeiro/RJ Justificativa: Conhecer os manuscritos e livros, em diversas edições, de Carolina Maria de Jesus, sob guarda da instituição. Discussão sobre a preservação do acervo e sobre a concepção do espaço da casa-museu.
25 jan. 2014	ECOMUSEU NEGA VILMA, Morro Santa Marta, Rio de Janeiro/RJ Justificativa: Conhecer outro modelo de museu em favela e ouvir uma palestra de Repper Fiell, morador da favela Santa Marta e autor do livro <i>Da favela para as favelas</i> , lançado em 2011 e apresentado à roda de leitura. Financiador: Não houve. Cada adolescente pagou sua passagem e lanche.
31 mar. 2014	FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL Justificativa: Conhecer os manuscritos e livros, em diversas edições, de Carolina Maria de Jesus sob guarda da instituição. Pesquisa de campo e levantamento de fontes impressas sobre a escritora e sua passagem pelas favelas do Rio de Janeiro em 1961. Acesso a uma das instituições de memória mais importantes do país.